



O ARQUITETO DA DIPLOMACIA: A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE OLAVO REDIG DE CAMPOS

História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil

Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Doutora. Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília - UnB
ana@unb.br

Giselle Marie Cormier Chaim

Doutoranda na Universidade de Brasília - UnB
gisellecormier@gmail.com

Carlos Lázaro Rocha Barbosa

Graduando na Universidade de Brasília - UnB
carloslazarobarbosa@gmail.com

Júlia Lopes Soares

Graduanda na Universidade de Brasília
julialopessoares@gmail.com

Resumo

O trabalho do arquiteto Olavo Redig de Campos carrega um forte caráter de sua personalidade: a discrição. Apesar de pouco se conhecer sobre sua obra e do escasso registro do trabalho que desenvolveu, alguns de seus projetos fazem parte do repertório de obras do movimento moderno brasileiro, sendo o principal deles a casa de Walther Moreira Salles, o hoje Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. Além de outros trabalhos pelo Brasil, dentre os quais diversas residências em Brasília e edifícios cívicos em Curitiba, Redig de Campos teve um importante papel como arquiteto do Ministério das Relações Exteriores, função que exerceu por cerca de trinta anos. No cargo, atuou ativamente junto a Oscar Niemeyer e ao embaixador Wladimir Murtinho na composição dos interiores do Palácio Itamaraty em Brasília e no projeto e na construção de inúmeras embaixadas brasileiras no exterior. Neste cenário, com o objetivo principal de apresentar a pesquisa em curso a respeito da vida e da obra do arquiteto, este artigo traz os primeiros desdobramentos do levantamento das documentações e da realização de entrevistas com familiares e ex-assessores de Redig de Campos, bem como desenhos arquitetônicos de alguns dos projetos de embaixadas redesenhados a partir de originais coletados nos arquivos em Brasília e no Rio de Janeiro. Ao apresentar e analisar alguns dos projetos mais relevantes de sua carreira, o trabalho pretende, finalmente, contribuir para a historiografia da Arquitetura Moderna brasileira e suprir a lacuna bibliográfica a respeito do trabalho de Olavo Redig de Campos.

Palavras-chave: Olavo Redig de Campos, arquitetura moderna, embaixadas do Brasil no exterior, Instituto Moreira Salles, historiografia.



Abstract

The work of the architect Olavo Redig de Campos carries a strong character of his personality: discretion. Although little is known about his work and the scarce record of the work he has developed, some of his projects are part of the repertoire of the Brazilian modern movement, such as the Walther Moreira Salles Residence, the nowadays Moreira Salles Institute, in Rio de Janeiro. In addition to other works, including several residences in Brasilia and civic buildings in Curitiba, Redig de Campos played an important role as architect of the Ministry of Foreign Affairs, a position he held for about thirty years. In the position, he acted actively with Oscar Niemeyer and the ambassador Wladimir Murinho in the composition of the interiors of the Itamaraty Palace in Brasilia and in the design and construction of numerous Brazilian embassies abroad. Thus, with the main objective of presenting the ongoing research on the life and work of the architect, this paper presents the first results obtained with interviews with the Redig de Campos family, as well as architectural drawings of some of the embassy projects redesigned from originals collected in the archives in Brasilia and Rio de Janeiro. In presenting and analyzing some of the most relevant projects of his career, the paper aims to contribute to the historiography of Modern Brazilian Architecture and to fill the bibliographical gap regarding the work of Olavo Redig de Campos.

Keywords: Olavo Redig de Campos; modern architectures; Brazilian embassies abroad; Instituto Moreira Salles; history of architecture.



O ARQUITETO DA DIPLOMACIA: A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE OLAVO REDIG DE CAMPOS

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre a obra do arquiteto Olavo Redig de Campos faz parte de uma investigação mais ampla, e em curso, sobre a afirmação da identidade da arquitetura moderna brasileira no exterior por meio da análise dos projetos de representações diplomáticas brasileiras idealizadas e construídas entre 1960 e 1980 no exterior. No recorte histórico proposto, o investimento do governo brasileiro na promoção da imagem do país no exterior levou ao projeto e à construção de representações diplomáticas por arquitetos brasileiros da época.

A partir de leituras, análises de contextos e da investigação dos materiais relativos aos projetos das 'novas embaixadas', viu-se que alguns destes projetos foram encomendados pelo Itamaraty a arquitetos como Elvin Mackay Dubugras e Ruy Othake. Mas ao localizar em inúmeras pastas, arquivos e armários, desenhos técnicos, fotografias, memoriais descritivos e desenhos coloridos, à mão, sempre com a assinatura no canto direito inferior 'ORC'¹, chamou a atenção o acompanhamento preciso e dedicado do arquiteto Olavo Redig de Campos, em todas as fases do projeto das chancelarias do Brasil em Buenos Aires e Washington e das residências oficiais em Beirute, Lima e Dakar, de sua autoria².

Ao constatar a importância da figura de Redig de Campos no Setor de Arquitetura do Ministério das Relações Exteriores e compreender a sua particular relevância na transferência do Palácio Itamaraty para Brasília, percebeu-se, também, a lacuna bibliográfica que existe sobre sua vida e obra. Além do trabalho como servidor público, que exerceu com afinco e dedicação até a aposentadoria compulsória do Itamaraty, desenvolveu uma série de projetos particulares principalmente em Brasília e no Rio de Janeiro e apesar de conhecido como um importante nome da arquitetura moderna brasileira, ainda muito pouco se sabe sobre os projetos que realizou.

Neste sentido, este artigo apresenta o primeiro resultado obtido a partir dos levantamentos de documentações realizados no Setor de Arquitetura do Ministério das Relações Exteriores (SARQ/MRE) em Brasília, no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, e de entrevistas realizadas no Rio de Janeiro com seis dos filhos do arquiteto, além de Jayme Zettel e Carlos Camargo, discípulos e aprendizes de Redig de Campos, com quem trabalhou por muitos anos. O panorama da vida profissional do arquiteto é, portanto, apresentado a seguir por meio da análise de alguns de seus trabalhos mais relevantes no exterior e no Brasil: a chancelaria do Brasil em Buenos Aires, Argentina; a residência oficial do Brasil em Beirute, no Líbano; o

¹ A assinatura 'ORC' localizada nos desenhos mencionados se refere às iniciais de Olavo Redig de Campos. O que parecia ser um hábito do arquiteto na identificação do material que produzia (mesmo o mais aparentemente simples dos desenhos) facilitou a pesquisa de levantamento, na medida em que certificou a autoria e guiou a classificação dos materiais localizados.

² Além dos projetos mencionados, dos quais é autor principal, durante o trabalho no Itamaraty, Redig de Campos desenvolveu uma série de outros projetos, dentre os quais a adequação dos interiores do Palácio do Itamaraty em Brasília e a restauração do Palazzo Pamphilli, edifício do patrimônio histórico italiano onde funciona a Embaixada do Brasil em Roma (SANTOS,2005).



Monumento Votivo Militar em Pistóia, Itália, e a Residência de Walther Moreira Salles, o atual Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro.

OLAVO REDIG DE CAMPOS

Natural do Rio de Janeiro, Olavo Redig de Campos nasceu em 1906, e acompanhou o crescimento e desenvolvimento da cidade onde trabalhou a maior parte de sua vida, apesar de sua formação ter se realizado no exterior. Devido ao trabalho de seu pai, o diplomata brasileiro Deoclecio Redig de Campos, viveu por cerca de vinte anos Europa. Ainda aos cinco anos de idade, com a transferência a serviço do pai para Berlim, na Alemanha, Olavo acompanhou de perto o fim da Belle Époque, os anos sombrios da Primeira Grande Guerra, a marcha sobre Roma e o início da ascensão de Hitler. Na capital alemã, estudou no Hohenzollern Gymnasium até 1917, quando a família se retirou às pressas do país em razão da declaração do Brasil de guerra ao Império Alemão. Além de Berna, onde se instalaram em seguida, Olavo e seus familiares ainda passaram por Lausanne antes de finalmente se fixarem em Roma, na Itália (Figura 1).

A vivência na cidade e a influência da cultura italiana foram fundamentais para seu desenvolvimento como arquiteto. Após finalizar os estudos primários no Lycée Chateaubriand, ingressou, em 1925, na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, a Reggia Scuola Superiore de Architettura onde anteriormente estudaram outros arquitetos brasileiros, tais como Rino Levi e Gregori Warchavchik (CAMPOS, 1980, s/p).

É importante ressaltar que a formação italiana garantiu a Olavo a habilidade do desenho à mão, o rigor projetual e as referências clássicas, que, embora não aparecessem nas formas de seus projetos, estiveram sempre muito marcantes na conceituação e organização dos espaços, como afirmou Carlos Camargo em documento manuscrito cedido aos autores durante entrevistas realizadas no Rio de Janeiro, em 2017:

Dr. Olavo voltou ao Brasil com a bagagem de uma sólida e eclética formação europeia. Sua importância para a arquitetura brasileira se caracteriza por sua imediata compreensão e seu apoio ao movimento renovador da nossa arquitetura, a qual procurou ainda enriquecer através dos refinamentos e subsídios de sua vivência na Alemanha e na Itália (...) Ele guardava algo do clássico, não na forma, mas na conceituação, na organização dos espaços. Entre os contemporâneos, também foi muito influenciado por Le Corbusier e pelo arquiteto alemão Walter Gropius, fundador da Bauhaus. Gostava dos racionalistas, entre eles do americano Frank Lloyd Wright, que tinha como um dos conceitos centrais de sua obra que cada projeto deve ser individual, de acordo com sua localização e finalidade. Mas sempre teve grande apreço pelos europeus, e entre eles, o finlandês Eero Saarinen (...). A afirmação de que a obra de Dr. Olavo está impregnada de brasilidade é pertinente. Apesar de sua formação estrangeira, ou por causa disso mesmo, a sua erudição e a sua sensibilidade exigiam dele próprio esta coerência, vindo sempre a perseguir o binômio 'aqui/hoje (CAMARGO, s/d/, s/p)



1906

Olavo Redig de Campos nasce no Rio de Janeiro, em 22 de maio de 1906.

1911

Muda-se com a família para a Europa, devido ao trabalho do pai, diplomata. Mora na Alemanha, Suíça e Itália.

1931

Após se formar Arquiteto na Reggia Scuola Superiore de Architettura de Roma, retorna ao Rio de Janeiro.

1939

Após retornar ao Brasil em 1931, se casa com Maria Leticia, com quem tem oito filhos nos anos seguintes. Ingressa no serviço público como arquiteto na Carteira Predial da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Central do Brasil.



1946

Assume o cargo de Consultor Técnico do Ministério das Relações Exteriores.

1959

Responsável pela chefia da comissão de transferência do Palácio do Itamaraty para Brasília e pelo trabalho conjunto com Wladimir Murtinho para revisão dos projetos de interiores do Palácio dos Arcos, em Brasília.

1960

Muda-se para Brasília para assumir a chefia do Setor de Arquitetura do Ministério das Relações Exteriores. Desenvolve projetos de diversas embaixadas do Brasil no exterior entre os anos de 1960 e 1980.

1984

Após a aposentadoria em 1976, projeta diversas residências em Brasília e no Rio de Janeiro.

Falece em 1984.

Figura 1: Colagem ilustrativa de linha do tempo da vida do arquiteto Olavo Redig de Campos.
Fonte: Elaborado pelos autores do artigo com base em fotografias recuperadas nos acervos da família Redig de Campos e no SARQ/MRE.



O ARQUITETO DA DIPLOMACIA: OLAVO E O ITAMARATY

Apesar da influência italiana e da formação no exterior, sua carreira profissional se construiu no Brasil. Ao retornar ao país, em 1931, trabalhou como desenhista por alguns anos nas construtoras Gusmão, Dourado e Baldassini, e Freire e Sodré, até assumir trabalhos no serviço público, ao qual esteve, de fato, dedicado durante grande parte de sua vida. Foi funcionário na Carteira Predial da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferrovários da Central do Brasil, quando em 1946 passou a assumir a função de assistente do ministro Djalma Pinto Ribeiro de Lessa, que chefiava, no Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro, o Serviço de Conservação do Patrimônio do Ministério das Relações Exteriores (CAMPOS, 1980).

Após a aposentadoria do ministro Lessa, o arquiteto, então, assumiu o cargo de Consultor Técnico no Serviço de Conservação do Patrimônio do Itamaraty. Este movimento foi definidor do que seria o seu trabalho nos anos a seguir, já que o principal serviço que ficou sob sua responsabilidade foi a transferência do Palácio Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, do Rio de Janeiro para Brasília, à época da construção da nova capital. Este processo foi acompanhado de turbulentas relações políticas, conforme afirma Rossetti (2017):

É justamente num complexo contexto histórico entre o fim dos anos JK e 1970 que o projeto arquitetônico se desenvolve e que o edifício é construído e inaugurado (...). No entanto, a transferência do Itamaraty para o Planalto Central é tratada dentro da casa desde 1958 com a criação de uma comissão para estudar e resolver o assunto, pois a instalação do Ministério das Relações Exteriores sempre foi estratégica para consolidar a nova capital (ROSSETTI, 2017, p.33)

A comissão à que se refere Rossetti tinha como chefe e consultor técnico o arquiteto Olavo Redig de Campos. Olavo montou o time de arquitetos que o apoiaria, por vários anos, no escritório modelo instalado em um pequeno prédio anexo ao Palácio Itamaraty, no Rio de Janeiro, ao discutir projetos, fazer maquetes, resolver detalhamentos e produzir muitos desenhos para os interiores do novo edifício em Brasília. Compunham a equipe os recém-formados arquitetos cariocas Jayme Zettel, que posteriormente projetou e construiu diversas embaixadas estrangeiras em Brasília; Carlos Camargo, anteriormente funcionário do escritório de Oscar Niemeyer, em que trabalhou nos projetos para a Feira Internacional Rashid Karami, no Líbano; Roberto Scorzelly, que por muitos anos seguiu como desenhista do Departamento de Arquitetura do Ministério das Relações Exteriores; Rubens Richter, Blandina Fialho e Maria Clara Redig de Campos, esta última, filha do arquiteto.

Apesar da irrefutável autoria de Oscar Niemeyer para o Palácio dos Arcos³, pouco se sabe da importante participação de Redig de Campos no projeto dos interiores do prédio. É que foi ele o responsável pela coordenação dos trabalhos de detalhamento dos espaços internos da nova sede do Ministério das Relações Exteriores, que seguia em construção em Brasília. Teve um papel essencial na condução desta tarefa, uma vez que atendia e respeitava as intenções

³ O Palácio dos Arcos é uma das nomenclaturas para o Palácio Itamaraty em Brasília, projeto de Oscar Niemeyer.



projetuais de Oscar Niemeyer, ao mesmo tempo em que compreendia as idiossincrasias da diplomacia.

Pode-se dizer que foi, portanto, o interlocutor⁴ entre Niemeyer e o embaixador Wladimir Murtinho (Figura 2), agente ativo da realização do projeto de transferência do Palácio para a nova capital (ROSSETTI, 2017). Neste sentido, Redig de Campos foi responsável por adequar o específico programa de necessidades do novo palácio com a definição e a conformação dos ambientes internos de acordo com as três funções principais dos diplomatas: informar, negociar e representar. Nos espaços previamente imaginados por Niemeyer, desenvolveu especialmente a parte da decoração (ROSSETTI, 2017, p.35) em parceria com o Murtinho, ao indicar e idealizar móveis e na curadoria de obras de arte que decorariam os salões, a fim de valorizar a arte e a cultura nacional no edifício das Relações Exteriores.



Figura 2: Olavo Redig de Campos (esquerda) e o embaixador Wladimir Murtinho no Palácio Itamaraty.
Fonte: Rossetti, 2017, p.32

Nos anos que se seguiram, conduziu a reforma de inúmeros edifícios do Ministério das Relações Exteriores em Brasília e no exterior, tais como prédios de apartamentos funcionais, salas e escritórios. Mas sua atuação foi especialmente importante no desenvolvimento de projetos de novos edifícios diplomáticos brasileiros no exterior, como foi o caso dos projetos das Residências Oficiais do Brasil em Beirute, no Líbano; Dakar, no Senegal; e das Chancelarias brasileiras em Washington, nos Estados Unidos; Lima, no Peru; e Buenos Aires, na Argentina (Figura 3). Projetados e construídos entre os anos de 1960 e 1980, e considerando-se a influência da Escola Carioca em seu trabalho, os edifícios diplomáticos de autoria de Redig de Campos são compreendidos neste trabalho como verdadeiros produtos de exportação da arquitetura moderna brasileira no cenário internacional.

O arquiteto foi também responsável pela reforma e restauro dos interiores do Palazzo Pamphilli, exemplar renascentista de 1650 localizado na Piazza Navona, em Roma, Itália (SANTOS, 2005), onde funciona ainda hoje a Embaixada Brasileira na capital italiana. Na

⁴ A partir desta característica do arquiteto, foi definida pelos autores a nomenclatura de 'arquiteto da diplomacia' à Redig de Campos.



ocasião, além de repensar os espaços e converter o antigo programa do Palácio para as funções administrativas e burocráticas de uma Embaixada, trabalhou junto a Sérgio Rodrigues, com a indicação de móveis e de referências brasileiras para os interiores do Palácio. Ainda na Itália, idealizou e construiu o Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistoia, em memória dos soldados da Força Expedicionária Brasileira – os pracinhas, mortos em combate durante a Segunda Guerra Mundial.

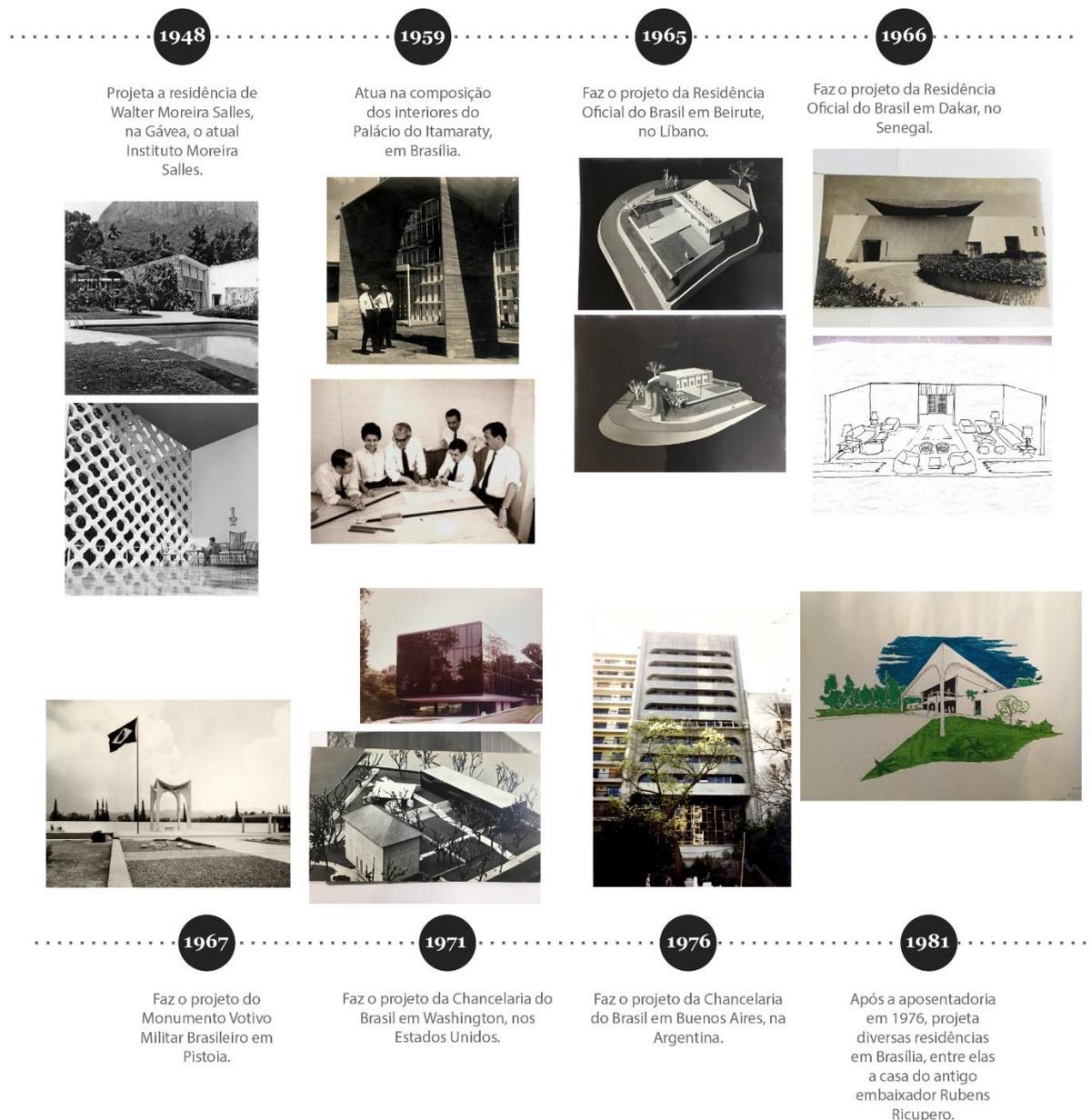


Figura 3: Linha do tempo ilustrativa dos principais trabalhos realizados pelo arquiteto Olavo Redig de Campos.
Fonte: Elaborado pelos autores do artigo com base em fotografias e documentos recuperados nos acervos da família Redig de Campos e do SARQ/MRE.



PROJETOS DE REDIG DE CAMPOS NO EXTERIOR

Neste artigo, os projetos analisados foram escolhidos com o fim de identificar com maior clareza as referências projetuais de Redig de Campos, e assim, caracterizar sua obra. Para tanto, dentre os edifícios diplomáticos realizados pelo arquiteto no exterior, foram escolhidos para apresentação neste trabalho a Chancelaria do Brasil em Buenos Aires, Argentina, e a Residência Oficial do Embaixador em Beirute, Líbano, além do Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistóia, Itália (Figura 4).



Figura 4: Colagem apresentando a linha do tempo dos projetos de Redig de Campos apresentados neste artigo.
Fonte: Elaborado pelos autores do artigo com base em fotografias e documentos recuperados nos acervos da família Redig de Campos e do SARQ/MRE.

Em se considerando o tipo de projeto, as embaixadas são conjuntos de edifícios diplomáticos compostos por *residências oficiais*, em que normalmente vivem os embaixadores ou equipes, e *chancelarias*, espaços de trabalho e de recepção, e que em geral concentram-se em um mesmo lote ou muito próximos entre si.

É importante esclarecer que no caso brasileiro, as embaixadas do Brasil no exterior estão instaladas em edifícios que podem ser classificados em três grupos. Alguns deles são palácios, antigos edifícios ou residências aristocráticas, representativos do patrimônio histórico e cultural dos países em que se localizam e que foram adaptados aos programas de necessidades das embaixadas brasileiras. Estes prédios foram adquiridos pelo Brasil a partir da gestão de Getúlio Vargas, quando o governo tirou partido de boas ofertas imobiliárias no mercado internacional pós-guerra e em um momento em que a política de investimento do serviço exterior brasileiro era priorizada (Ministério das Relações Exteriores, 2013). Outros, em especial chancelarias, encontram-se hoje adaptados em edifícios comerciais alugados. O último grupo, e o que mais interessa a esta pesquisa, diz respeito a edifícios que foram idealizados e realizados a partir dos anos 1960 e construídos em lotes adquiridos pelo Brasil no exterior. É que à época da transferência da capital brasileira para Brasília, lotes para embaixadas estrangeiras eram cedidos na nova capital em sistema de permuta com determinados países, de modo que o Brasil adquirisse, também, lotes próprios para



construção das embaixadas. Era uma estratégia para substituir os dispendiosos aluguéis de repartições e residências para embaixadores praticados até então (CAMPOS, 2008).

Os projetos de embaixadas congregam complexidades e dicotomias, já que são fragmentos da nação que representam para além de suas fronteiras físicas, e que também estabelecem relações dialógicas com a cultura e com o contexto urbano onde se inserem nos países de acolhimento. Por este motivo, características construtivas como a dimensão, a visibilidade, o estado de conservação e a presença de símbolos que remetam à representação da imagem do país origem, bem como aspectos simbólicos como a presença – ou a ausência – em determinados contextos urbanos e a localização em relação a espaços privilegiados ou importantes das cidades em que se encontram, geralmente são os responsáveis pela associação de edifícios diplomáticos a programas complexos e a edifícios suntuosos, cujo acesso é naturalmente limitado.

De maneira geral, e de acordo com os relatos de Carlos Camargo (CAMARGO, s/d/, s/p), os projetos de embaixadas de Redig de Campos eram notavelmente versáteis, mas apresentavam algumas características em comum: a implantação sempre respeitosa aos terrenos e a mescla de elementos da arquitetura típica do país onde o edifício se instalaria a outros característicos da arquitetura brasileira. Além do mais, por meio da análise dos desenhos do arquiteto localizados nos acervos e arquivos, percebe-se o respeito ao território e a busca por aliar nos projetos tanto elementos que representem a arquitetura colonial e tradicional brasileira quanto sua marca pessoal, especialmente identificada pela educação clássica e pela influência italiana.

Em relação às construções, apesar da versatilidade dos projetos mencionada por Camargo, ao analisar comparativamente as três obras selecionadas, é possível perceber características recorrentes na produção do arquiteto: o *rigor geométrico* – no uso de recursos como a simetria na composição, tanto em planta quanto em corte; a *brasilidade*, representada por meio de elementos de destaque na decoração, tais como azulejos e cobogós; e o emprego das *novas tecnologias construtivas*, por meio principalmente das possibilidades que concreto armado oferecia, tão bem apropriadas pelo modernismo se apropriou para as propostas de vãos generosos e fachadas livres. Esses três parâmetros observados nos projetos denotam a influência da formação clássica e rigorosa na Itália, na mesma medida em que explicitam a aderência de Redig de Campos à Escola Carioca e aos preceitos corbusianos.

Na chancelaria de Buenos Aires, cujo primeiro projeto data de 1976, o rigor geométrico e a educação clássica aparecem nas fachadas, nos cortes e nas plantas baixas (Figura 5). Apesar desta descrição se referir comumente a edifícios palladianos do século XVI, aqui a composição se torna moderna, original e fluida, principalmente pela forma de tratar o térreo. No início do texto do memorial descritivo do projeto, Redig de Campos salienta este como o principal problema a ser solucionado, quando diz: “como dar destaque a um prédio de características marcadamente comerciais em sua implantação” (CAMPOS, s/d, s/p). Com um terreno estreito e alongado, de 17,25 metros de largura e aproximadamente 40 metros de comprimento, o arquiteto decidiu por aumentar a extensão do andar térreo e ampliar sua percepção, não em comprimento, mas sim em altura, ao propor um mezanino. Como também menciona no memorial descritivo, o primeiro andar, “ao qual se tem acesso diretamente por



escadas rolantes⁵, será, como o prolongamento do saguão nobre, destinado a exposições e outras promoções em comunicação direta com o auditório maior (+- 100 lugares)” (CAMPOS, s/d, s/p).

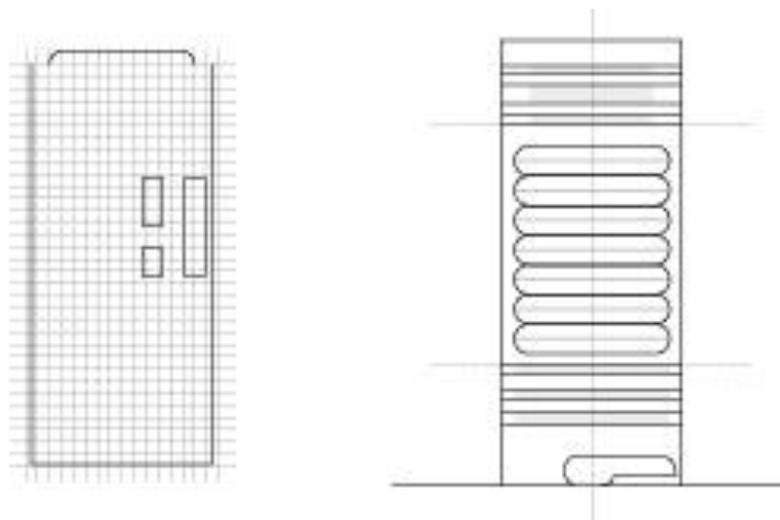


Figura 5: Esquemas para análise de planta e fachada da Chancelaria do Brasil em Buenos Aires.
Fonte: desenhos elaborados pelos autores do artigo.

Nas fachadas, a adequação às tendências do movimento moderno também é notável. Na solução encontrada pelo arquiteto, dois dos cinco pontos da Nova Arquitetura, de Corbusier, estão presentes, a partir da proposta de deixar a fachada livre e utilizar janelas “em fita”, com uma geometria menos bruta e retilínea. Em contraponto às soluções corbusianas, também é possível perceber a relação entre base, corpo e coroamento na composição do edifício, possivelmente influência de sua educação italiana, que traz harmonia, ao invés de simetria rígida à Chancelaria. Além disso, a preocupação em resguardar os interiores, com a sugestão de jardineiras em cada um dos andares mostra traços da arquitetura brasileira. A este respeito, no memorial descritivo, o arquiteto menciona que:

Foram evitadas grandes aberturas para o exterior a fim de resguardar, ao máximo, as salas de trabalho. Isto tornou possível uma fachada livre, sem apoios intermediários com vigas que têm altura suficiente para alcançar o terreno de lado a lado. Sobretudo no térreo, a solução é de grande efeito. As jardineiras na fachada amenizam a sensação de clausura que poderá resultar da adoção deste partido arquitetônico e ajudam a resguardar, da vista externa, as salas de trabalho. (CAMPOS, s/d, s/p).

Na Residência Oficial do Brasil em Beirute, cujo primeiro projeto data de 1962, as soluções e a estética corbusiana são mais aparentes. Ao analisar algumas versões do projeto, observadas a partir de maquetes de estudo localizadas nos arquivos (Figura 6), de 1962, 1965 e 1967, a construção era mais imponente e clássica, com mais elementos marcantes da

⁵ É importante mencionar que a versão de projeto a que se refere este artigo é a primeira das versões propostas por Olavo Redig de Campos. Inclusive leva em conta os textos e menções do arquiteto realizadas no memorial descritivo. As escadas rolantes que conectam o térreo ao mezanino foram revistas em versões posteriores do projeto e hoje não existem no projeto construído em Buenos Aires, mas a intenção da análise proposta neste artigo é, justamente, de compreender as características e o estilo de projeto original de Redig de Campos.



arquitetura brasileira aplicados nas fachadas, tais como azulejos decorativos e o cobogó – recurso presente e muito marcante também na residência de Walther Moreira Salles (1948). Em Beirute, o painel de azulejos que decorava a fachada principal é de autoria de Redig de Campos.



Figura 6: Maquetes de estudo. Versões de estudo do projeto de Beirute. Da esquerda para a direita, as versões de 1962, 1965 e 1967, esta última construída.

Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles / Rio de Janeiro.

A implantação também foi algo que mudou sensivelmente de um estudo volumétrico para outro (Figura 6), o que demonstra significativa preocupação com as vistas da casa a partir do pedestre – novamente a relação do público e do privado, da necessidade de expor enquanto resguarda. Nas primeiras versões do projeto, o percurso do visitante permitiria a apreensão de três fachadas da casa, já que o portão principal e a entrada pelos veículos se davam em fachadas opostas. Nestas versões, a residência também ocuparia maior espaço no terreno. Já na versão final (Figura 7), percebe-se a revisão de itens que talvez estejam vinculados à maior coerência com a cultura do país em que o edifício se localiza: as fachadas mais opacas e com menos aberturas, que protegem os interiores, e a proposta de pátio interno, recorrente na arquitetura vernacular de países de cultura árabe, por motivos culturais e climáticos. O percurso de entrada também é mais limitado, e protegido por intensa massa vegetal.

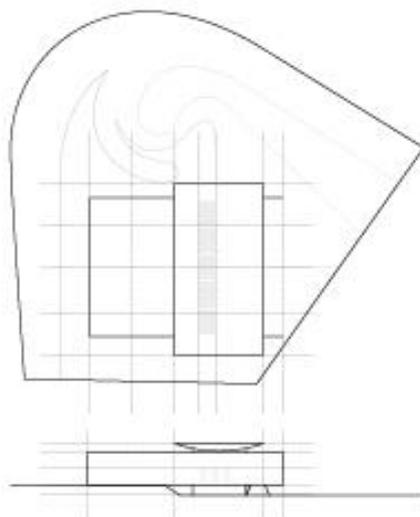




Figura 7: Esquemas para análise de planta e fachada da Residência Oficial em Beirute.

Fonte: desenhos elaborados pelos autores do artigo.

Em ambas as soluções de projeto apresentadas, e mesmo que os edifícios de Beirute e de Buenos Aires tenham programa de necessidades e funções distintas, pode-se notar a sensibilidade do arquiteto na tênue relação entre público e privado e a habilidade em propor edifícios com elementos típicos da arquitetura brasileira e respeitar o entorno imediato e aspectos da cultura do local onde se instalariam. Em Buenos Aires, ao observar a implantação do edifício e mesmo as fachadas, é possível verificar que ele não se prolonga em área construída ou em extensão, mas se destaca no contexto em que está inserido. Já em Beirute, apesar de o terreno de esquina e com topografia acentuada disponibilizado para o projeto da Residência Oficial abrir uma série de possibilidades, o arquiteto optou pela monumentalidade que, ainda assim, respeita a escala humana.

No Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistóia, na Itália, outra característica do projeto de Redig de Campos vem à tona: a relação clássica e simbólica. O projeto na Itália é a substituição do antigo cemitério dedicado aos soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) mortos em combates na Segunda Guerra Mundial, os 'pracinhas'. Em 1967, com a transferência ao Brasil dos mais de quatrocentos túmulos de soldados enterrados na Itália, Olavo Redig de Campos foi comissionado pelo Itamaraty para projetar o monumento, conformado basicamente por uma alameda pavimentada que conduz ao dossel (Figura 8), que protege a área simbólica de homenagens, e de um espelho d'água que reflete os nomes dos soldados gravados no grande anteparo lateral em mármore.



Figura 8: O Monumento Votivo Brasileiro em Pistóia, Itália.

Fonte: Acervo do SARQ/MRE



Redig de Campos consegue enriquecer no projeto o conceito de monumentalidade que sugere. Com o excesso de horizontalidade do terreno, que a princípio abrigava apenas as cerca de quatrocentas lápides dos soldados mortos, fez-se necessário apenas um elemento vertical singelo e significativo na paisagem (Figura 8) – além do mastro da bandeira brasileira. À semelhança de um baldaquino, o elemento clássico que exalta os altares em capelas e igrejas renascentistas, o monumento foi construído graças à tecnologia do concreto armado com a proposição de uma forma que, apesar de simétrica, também é rica e dinâmica.

O percurso simbólico, por outro lado, se inicia no tratamento do solo, pela pavimentação, que desenha uma cruz no gramado, através do que Redig descreve como “linhas de mármore branco” (CAMPOS, 1965). O altar se posiciona “ao pé da cruz”, como menciona o arquiteto em poema dedicado ao projeto, cujo conteúdo transcrito abaixo foi posteriormente aplicado no grande muro que margeia o campo dedicado aos mortos.

Finalmente, com a água o arquiteto busca exaltar a horizontalidade por meio da criação de linhas de espelhos d’água que conduzem ao elemento vertical. Através da pedra, o arquiteto materializa a resistência e a memória, por meio da gravação dos nomes dos homenageados em um muro que possui aos seus pés o espelho d’água. O último, reflete os céus e os nomes ao mesmo tempo, simbolizando a ascendência. Mais nomes – que simbolizam vitórias – foram gravados no caminho até o altar, que marca o fim do percurso.

A TERRA DA SEPULTURA. É terra sagrada. Na Itália é o camposanto. É a terra intocável do antigo cemitério. Ela continua agreste como antes. Sagrada pelo sangue dos heróis.

A TERRA. A cruz toma posse do terreno. Fixa seus limites. Consagra seu destino. São as linhas brancas da enorme cruz que marcam o lugar para sempre. Ao altar de Deus se ascende pelo pé da cruz. Os braços se abrem em verdes campos de esperança e fé.

A ÁGUA. O horizonte é o perfil da terra; da terra que recebe os mortos para o descanso eterno. A linha horizontal será, assim, a dominante, serena, estática como as coisas acabadas.

A PEDRA. É o símbolo da resistência. A pedra é tenaz, a pedra é dura. O muro de pedra guarda, gravados para sempre, os nomes gloriosos e a memória dos vivos. Os nomes emergem das águas tranquilas. As águas refletem os nomes no céu e a glória dos heróis.

O SACRIFÍCIO. No centro da cruz está o altar de Deus. Pelo sacrifício do altar os mortos se elevam à Glória de Deus. Aqui domina a vertical. As colunas elevam o pátio bem alto, como um cálice.

A GLÓRIA. Para ascender a glória dos mortos, um longo caminho em meio às pedras. O caminho das batalhas vencidas, o das vitórias alcançadas no sacrifício. O nome de Monte Castello e tantos outros gravados no chão de pedra revivem a longa caminhada de nossos irmãos.

O RESPEITO. A presença dos vivos é marcada pelo respeito. Um lugar apartado para a glorificação. Na contemplação, à direita do altar, no lugar de honra, a bandeira do Brasil e a gratidão da pátria.



(CAMPOS, 1965, s/p)⁶

PROJETOS DE REDIG DE CAMPOS NO BRASIL

Além dos projetos realizados pelo Itamaraty, Redig de Campos trabalhou com a filha, Maria Clara Redig de Campos, e com eventuais colaboradores em projetos particulares realizados durante toda a vida profissional, inclusive após a aposentadoria do serviço público. De acordo com Cavalcanti (2001), o arquiteto participou da II Bienal de São Paulo, no projeto para a sede da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná e do Centro Cívico Estadual de Curitiba, que construiu em parceria com os arquitetos David Xavier Azambuja e Sérgio Santos Rodrigues, em 1982 (CAVALCANTI, 2001, p.239).

No Rio de Janeiro, projetou o Centro Social da Casa do Pequeno Trabalhador, em 1942, e em Petrópolis realizou uma série de projetos de casas particulares, dentre elas a casa de campo de Geraldo Batista e o pavilhão de natação da casa de campo de Homero Souza e Silva, em 1955. Em Brasília, projetou e construiu cerca de vinte residências nos Setores Habitacionais do Lago Sul e Lago Norte. Foram obras principalmente realizadas para antigos embaixadores e colegas de trabalho no Itamaraty, dentre as quais as residências dos embaixadores Rubens Ricupero, Antonio Sabino Cantuária Guimarães, José Oswaldo Meira Penna, Paulo Couto Teixeira e de Rubem Brisola, que atualmente abriga a Embaixada da Argentina.

Em toda uma vida de trabalho como arquiteto as características de seus projetos “sintetizam as melhores qualidades da arquitetura moderna brasileira” e são bastante alinhados aos preceitos da chamada escola carioca, em que “se destaca pela filia o mais livre   vertente racionalista do movimento moderno europeu que resulta, de um lado, na suaviza o da geometria do edifício e, de outro, na introdu o de elementos considerados tradicionais na história da arquitetura brasileira, como o azulejo, o pátio, a treliça, o cobogó e o muxarabi”⁷

Dentre todos os projetos no Brasil, talvez o mais conhecido e apreciado seja a residência projetada em 1948 no alto do bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, para o banqueiro e embaixador Walther Moreira Salles, que atualmente abriga o Instituto Moreira Salles. Para Cavalcanti (2001), neste projeto Regid de Campos:

(...) enfrentou o desafio de conciliar um vocabulário modernista com monumentalidade e luxo. Redig retomou a organiza o das constru es coloniais tradicionais através do uso de um pátio ao redor do qual se desenvolve toda a constru o. Cessam a , entretanto, as alusões   arquitetura do passado. Vários estilemas modernistas foram utilizados em escala e requinte de acabamento difíceis de encontrar em constru es comuns (CAVALCANTI, 2001, p.240).

⁶ O poema de autoria de Redig de Campos, transcrito acima,   também o memorial descritivo do Monumento Votivo Militar Brasileiro, e cópia datilografada do original manuscrito foi cedido aos autores pela família do arquiteto. Atualmente, em Pistóia, este mesmo poema está registrado no muro que margeia o espelho d’ gua.

⁷ OLAVO Redig de Campos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa506177/olavo-redig-de-campos>>. Acesso em: 08 de Jun. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7



Apesar de inserida no meio urbano, a edificação conta com um terreno muito amplo, de cerca de dez mil metros quadrados, que permitiu que o programa fosse distribuído funcionalmente em três alas distintas articuladas ao redor do grande pátio central a que se refere Cavalcanti (2001), em forma de trapézio e contornado por galerias envidraçadas que fazem alusão à ideia da *piazza* italiana. Apesar de virtualmente delimitado em um de seus lados por uma marquise ondulada de concreto (Figura 9), o pátio não impede a percepção externa da residência de um bloco único, graças à disposição horizontal das formas geométricas que conformam seu volume.



Figura 9: Vista do pátio central da Residência de W.M. Salles, mostrando a marquise ondulada, à esquerda, o painel de azulejos de Portinari, à direita, e os jardins de Burle Marx.

Fonte: Disponível em <https://blogdoims.com.br/casa-walther-moreira-salles-por-guilherme-wisnik/>

À exceção do setor social, amplamente projetado de forma a servir a intensa atividade política e social do morador, o programa da casa é tradicional. Os espaços sociais e íntimos se comunicam através de amplas galerias envidraçadas voltadas para o pátio central (Figura 9). Para Wisnick (2011), “trata-se de uma construção monumental, elegante e austera, projetada para abrigar tanto uma família numerosa quanto uma intensa vida social, marcada por frequentes recepções para convidados ilustres”⁸.

Quanto às fachadas, enquanto a ala íntima é protegida pela presença de *brises-soleil* verticais móveis, que protegem os corredores de acesso aos quartos tanto da incidência solar quanto da visibilidade, na área social tem-se o efeito contrário. Neste ambiente, as paredes

⁸ WISNIK, G. Casa Walther Moreira Salles: quadro a quadro. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/casa-walther-moreira-salles-por-guilherme-wisnik/>>. Acesso em: 09 de junho de 2019.



envidraçadas garantem a leitura da permeabilidade entre os espaços e de movimento propício às atividades ali realizadas. Os ambientes sociais, dotados de pés-direitos generosos, são distribuídos em três corpos edificados: um volume principal, onde se localiza também a entrada da residência, que abriga as dependências de serviço, chapelaria, hall de entrada, cofre-forte, biblioteca, sala íntima e terraço; e outros dois volumes, que se apresentam como braços menores desse volume principal, comportando as salas de jantar e estar e a ala íntima, onde se localizavam originalmente os quartos (Figura 10).

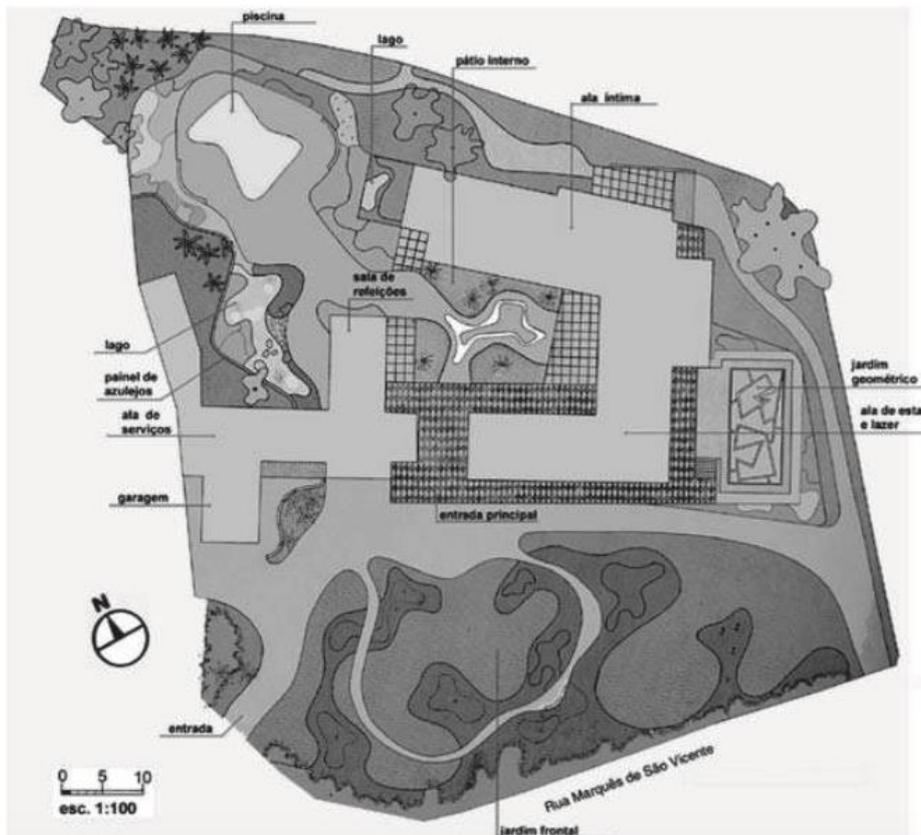


Figura 10: Planta geral do projeto original.

Fonte: SANTOS, 2007, p.227.

Assim como nos projetos realizados para as embaixadas brasileiras no exterior, na Residência de Walter Moreira Salles a pureza das formas geométricas simples também se faz muito presente, sendo sua organização e articulação baseada em proporções clássicas. Outra característica marcante é a riqueza plástica, que surge como consequência do contraste entre os materiais, que conformam superfícies lisas, envidraçadas, *brises-soleil*, treliças, pedras brutas, azulejos e mármore. Com essa variedade no emprego de texturas e superfícies, Redig de Campos cria um percurso de visita com várias surpresas, aludindo ao efeito da *promenade architecturale*, de Le Corbusier. Dentre esses materiais e texturas, cabe citar as duas altas colunas da entrada principal revestidas de mármore, colocadas contra uma parede de tom vermelho terroso, inspirado na famosa Vila dos Mistérios, de Pompéia (WISNICK,2011), as tábuas de madeira corrida, presentes no piso das salas de estar e jantar



e também nos móveis da biblioteca, decorada em estilo inglês, além dos ladrilhos hidráulicos e azulejos portugueses azuis e brancos, que revestem as paredes e pisos da ala íntima.

Em toda a obra é perceptível a associação de elementos clássicos, tradicionais e modernos. A vertente clássica se manifesta, entre outros exemplos, no desenho de piso em mármore italiano rosso Verona e Botticino (WISNICK, 2011), e no ritmo e proporção das colunatas. Por outro lado, a vertente tradicional se verificou nos treliçados de madeira, e a aderência ao movimento moderno, na setorização funcional e na adoção da planta livre. Todos esses elementos se contrapõem no conjunto, como na fachada principal, onde o painel de cobogós superdimensionados (Figura 10) é definido por um pórtico monumental de inspiração clássica, ou até mesmo no pátio central, onde as colunas revestidas de mármore contrapõem-se aos panos contínuos de vidro e dos *brises-soleil*.



Figura 10: Vista interna da parede de cobogós, na fachada principal.

Fonte: Disponível em <https://blogdoims.com.br/casa-walther-moreira-salles-por-guilherme-wisnik/>

Projetados por Roberto Burle Marx, os jardins também são um importante elemento na composição do conjunto arquitetônico. Atribuídos à uma primeira fase da sua obra, esses jardins transmitem suas ideias vanguardistas ainda a partir de um desenho tímido (WISNICK, 2001), inaugurando elementos que viriam a ser amplamente adotados em seus projetos futuros, como o painel de azulejos justaposto ao espelho d'água afim de servir de anteparo à então ala de serviços da casa.

No projeto da residência é marcante, portanto, o contraste entre o construído e o natural, expresso, por exemplo, na contraposição das linhas rígidas da arquitetura em relação às linhas sinuosas da natureza, ou nos revestimentos dos planos verticais, que oscilam entre azulejos, vidro e até pedra bruta. Dessa forma, observa-se uma forte integração do jardim,



representativo da natureza criada, à paisagem natural no entorno, a floresta da Tijuca. Em termos gerais, é possível observar um "contraste entre o classicismo italiano de Redig de Campos e o informalismo imprevisto do desenho de Burle Marx" (WISNICK, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão a que se pode chegar após estudar o perfil das obras de Redig de Campos e o caráter de sua atuação é que foi, de fato, um arquiteto da diplomacia. Discreto nas intenções, parece sempre ter respeitado com deferência o trabalho de outros arquitetos, na mesma medida em que delegou tarefas, incentivou colegas e compartilhou êxitos. Pelos anos de dedicação ao trabalho no serviço público, pode-se dizer que foi um burocrata, cuja criatividade e sensibilidade não foram jamais subestimadas.

Ao estudar a riqueza de projetos no variado leque de atuações que teve ao longo da vida profissional, em que projetou e construiu residências das mais variadas, edifícios cívicos e comerciais, embaixadas, e ao imaginar sua atuação na rotina do escritório de arquitetura da repartição pública da qual esteve à frente por tantos anos, parece incompatível o fato de Redig de Campos não figurar entre os grandes nomes da arquitetura moderna.

Afim de preencher esta lacuna bibliográfica e de honrar a memória de tão importante figura da arquitetura moderna brasileira, esta comunicação pretende incluir a obra de Olavo Redig de Campos nas redes de arquitetos estudados e investigados e de contribuir para a Historiografia da Arquitetura Moderna brasileira.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, M.A.J.; ZEIN, R.V. **Brasil. Arquiteturas após 1950**. São Paulo, Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- CAMARGO, C. **Sobre Olavo Redig de Campos**. Datilografado, não paginado, s/d.
- CAMPOS, O. R. **Memorial descritivo da Chancelaria do Brasil em Buenos Aires**. Datilografado, não paginado, s/d.
- CAMPOS, M.C.R. **Entrevista: Maria Clara Redig de Campos**. In: Novas memórias do urbanismo carioca/ Américo Freire e Lúcia Lippi Oliveira, organizadores. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 312p.il. P 132-152.
- CAMPOS, O. R. **Sobre o Monumento em Pistóia**. Datilografado, não paginado, 1965.
- CAMPOS, O. R. **Olavo por ele mesmo**. Datilografado, não paginado, 1980.
- CAVALCANTI, L. **Quando o Brasil era moderno: Guia de Arquitetura 1928 – 1960**. Org. Lauro Cavalcanti. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2001.
- COLQUHOUN, A. **Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-1987**. Tradução de Christiane Brito. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009
- DUTRA, M. L.; MENEZES, W.A. **Instituto Moreira Salles - Rio de Janeiro. Projeto e obra de restauro, reforma e adaptação**. Disponível em: <<http://www.dutramenezes.arq.br/docomomo.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2018.



HERBST, H. **A presença de Olavo Redig de Campos nos salões das bienais e sua recepção nas revistas de arquitetura na década de 1950.** In: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2014.

LARA, F. L. **Excepcionalidades do modernismo brasileiro.** Org. Abílio Guerra, Fernando Luiz Lara e Silvana Romano Santos. São Paulo: Romano Guerra; Austin: Nhameirca, 2018.

MINDLIN, Henrique. **Arquitetura moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano/IPHAN, 2000.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Residências Oficiais do Brasil no exterior.** Brasília: Editora Engevix, 2013.

Olavo Redig de Campos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa506177/olavo-redig-de-campos>>. Acesso em: 18 de outubro de 2018. Verbete da Enciclopédia.

ROSSETTI, E. P. **O Itamaraty além da arquitetura: documentação, acervos e arquivos.** In: I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANPARQ: Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: percursos e perspectivas). 2010, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <<https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/158/158-723-1-SP.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

ROSSETTI, E. P. **Palácio do Itamaraty: questões de história, projeto e documentação (1959-70).** Arqtextos 106. São Paulo: Portal Vitruvius, março/2009. Acesso em: 20 mar. 2019.

ROSSETTI, E. P. **Palácio Itamaraty: a arquitetura da diplomacia.** Brasília: ITS, 2017.

SANTOS, E. **Os jardins da residência Moreira Salles. O projeto original de Burle Marx e a restauração de Isabel Duprat.** Paisagem e Ambiente, n. 24. 2007, p. 227-238.

SANTOS, P. R. **Arquitetura estrangeira e outras arquiteturas: Embaixadas, Delegações estrangeiras e Organismos Internacionais em Brasília.** Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** 3. Ed., 1.reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

TINEM, N. **O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna.** João Pessoa: Manufatura, 2002.

UMA CASA NO RIO DE JANEIRO: Arquiteto Olavo Redig de Campos. São Paulo, Habitat, n. 6, 1952, p. 56- 63.

WISNIK, G. **Casa Walther Moreira Salles: quadro a quadro.** Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/casa-walther-moreira-salles-por-guilherme-wisnik>>. Acesso em: 09 de junho de 2019.